

## FICHA TÉCNICA

Título original: *After*

Autora: *Anna Todd*

Copyright © Anna Todd, 2014

A autora é representada por Wattpad

Edição portuguesa publicada por acordo com Gallery Books, uma divisão de Simon & Schuster, Inc.

Todos os direitos reservados

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2015

Tradução: *Teresa Rebelo da Silva*

Imagem da capa: *Shutterstock*

Capa: *Sofia Ramos/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição, Lisboa, maio, 2015

Depósito legal n.º 390 312/15

Reservados todos os direitos  
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à  
EDITORIAL PRESENÇA  
Estrada das Palmeiras, 59  
Queluz de Baixo  
2730-132 BARCARENA  
info@presenca.pt  
www.presenca.pt

## Prólogo

A faculdade sempre pareceu crucial, uma parte essencial do que afere o valor de uma pessoa e determina o seu futuro. Vivemos numa época em que as pessoas perguntam em que faculdade se estudou antes de perguntarem o apelido. Desde criança, fui ensinada, ou antes, condicionada, a investir na minha futura educação. Isso tornou-se uma obrigação, que me exigiu trabalhar de forma profundamente intensa, na fronteira da obsessão. Desde o meu primeiro dia no ensino secundário, escolhi todas as disciplinas e realizei todos os trabalhos em função do meu objetivo — entrar para a universidade. Mas não para uma qualquer universidade — a minha mãe tinha bem ciente na sua cabeça que eu tinha de ir para a Washington Central University, a mesma universidade que ela frequentou e que abandonou antes de ter completado a licenciatura.

Não fazia ideia de que a universidade tinha para oferecer muito mais do que o «mundo académico». Não fazia ideia de que a escolha das disciplinas opcionais do primeiro semestre se revelaria, alguns meses mais tarde, um assunto comezinho. Era ingénua, nessa altura, e, de certo modo, ainda continuo a ser. Mas eu não podia imaginar o que me esperava. À partida, conhecer a minha colega de quarto foi uma experiência intensa e complexa; mas conhecer o seu extravagante grupo de amigos foi-o ainda mais. Eles eram completamente diferentes de todas as pessoas com quem eu alguma vez contactara e senti-me intimidada com a sua aparência e confusa com o seu puro desinteresse pelas regras e valores. Em pouco tempo, passei a fazer parte daquela loucura, cedendo a ela...

E foi então que *ele* se intrometeu no meu coração.

Desde o nosso primeiro encontro, o Hardin mudou a minha vida de uma forma que nem uma multiplicidade de cursos de preparação para a faculdade ou de conferências para jovens me poderia ter preparado. Os filmes que eu via em adolescente tornaram-se rapidamente a minha vida

e os seus ridículos enredos tornaram-se a minha realidade. Teria eu agido de modo diferente se soubesse o que estava para acontecer? Não tenho a certeza. Gostava de ter uma resposta precisa para isso, mas não tenho. Por vezes, sinto-me grata; vaguear perdidamente nas memórias da paixão, tolda-me o discernimento. Outras vezes, penso no sofrimento que ele me causou, na dor lancinante da perda de quem eu fui, no caos dos momentos em que eu senti o mundo de pernas para o ar, e a resposta também não é tão clara como o fora antes.

A única certeza que tenho é que a minha vida e o meu coração nunca mais serão os mesmos, depois de o Hardin ter embatido neles.

O alarme está programado para tocar a qualquer momento. Passei metade da noite em claro, alternando entre contar as linhas que separam as vigas do teto e a repetir mentalmente o programa do meu curso. Há quem conte carneiros, eu programo a minha vida. A minha cabeça está constantemente a planear tudo ao pormenor e hoje, o dia mais importante de todos os dezoito anos da minha vida, não é uma exceção.

— Tessa! — ouço a minha mãe gritar no andar de baixo. Num gemido, rebolo para fora da minha pequena mas confortável cama. Gasto algum tempo a aconchegar os cantos da colcha à cabeceira da cama, porque esta é a última manhã em que isto fará parte da minha habitual rotina. A partir de hoje, este quarto não é mais a minha casa.

— Tessa! — a minha mãe volta a chamar-me.

— Já estou a pé! — grito em resposta.

Os armários do andar de baixo abrem-se e batem ao fechar-se e estes ruídos revelam que a minha mãe está tão em pânico como eu. Sinto um nó, bem apertado, no estômago e, ao entrar no duche, rezo para que a ansiedade que me domina diminua ao longo do dia. Toda a minha vida se resume a uma série de tarefas com o objetivo de chegar a este dia, ao meu primeiro dia de faculdade.

Passei os últimos anos a, nervosamente, antecipar este dia. Passei os fins de semana a estudar e a preparar-me para este momento, enquanto os meus colegas saíam, bebiam e faziam tudo o que os adolescentes fazem para se meterem em apuros. Mas eu não. Eu era a rapariga que passava as noites sentada de pernas cruzadas no chão da sala, ao lado da minha mãe, enquanto ela coscuvilhava e assistia durante horas ao canal QVC<sup>1</sup>, tentando aprender dicas para melhorar a sua aparência.

---

<sup>1</sup> Iniciais de *Quality, Value, Convenience*, um canal televisivo especializado em vendas... (NT)

No dia em que chegou a carta a aceitarem-me na Washington Central University, não me poderia ter sentido mais feliz — e a minha mãe chorou durante algum tempo, que me pareceram horas. Não posso negar que eu estava orgulhosa por todo o meu trabalho árduo ter sido finalmente recompensado. Fui aceite na única universidade a que concorri e, por o nosso rendimento familiar ser baixo, obtive subsídios que me permitiram que o empréstimo bancário para os estudos seja mínimo. Cheguei a ponderar, por apenas uns momentos, abandonar a ideia de ir estudar para Washington. Mas ao ver todas as cores a surgirem na cara da minha mãe e a forma como ela deambulou em redor da sala durante quase uma hora, eu disse-lhe que, na verdade, não estava a falar a sério.

No momento em que a água do chuveiro me pulveriza, a tensão dos meus músculos abranda. Eu estou aqui, debaixo da água quente, a tentar acalmar a minha mente, mas na verdade a fazer o contrário, e estive tão distraída que, no momento em que finalmente lavo o cabelo e o corpo, praticamente não tenho água quente suficiente para rapar as pernas dos joelhos para baixo.

No momento em que enrolo a toalha em volta do meu corpo molhado, a minha mãe grita o meu nome mais uma vez. Sabendo que são os seus nervos a revelarem-se, dou-lhe algum desconto, mas levo algum tempo a secar o cabelo. Eu sei que ela está ansiosa com o dia da minha entrada na universidade, mas durante meses planeei perfeitamente este dia. Apenas uma de nós pode estar com os nervos à flor da pele, e eu preciso de fazer o que posso para ter a certeza de que não sou eu, seguindo o meu plano.

As minhas mãos tremem e atrapalho-me com o fecho de correr do meu vestido. Para mim, é-me indiferente, mas a minha mãe insistiu para que eu o vista. Por fim, venço a batalha com o fecho de correr e tiro a minha camisola preferida do armário. Depois de me vestir, sinto-me um pouco menos nervosa até notar um pequeno rasgão na manga da minha camisola. Lanço-a para cima da cama e enfio os pés nos sapatos, sabendo que, a cada segundo que passa, a impaciência da minha mãe aumenta.

Noah, o meu namorado, está prestes a chegar, para nos acompanhar na viagem. Ele é um ano mais novo do que eu, mas, em breve, fará dezoito anos. Ele é brilhante e um excelente aluno, tal como eu, e estou muito entusiasmada por ele planear juntar-se a mim, na WCU, no próximo ano. Quem me dera que ele viesse agora, especialmente porque eu não conheço uma única pessoa na universidade, mas sinto-me grata por

ele ter prometido visitar-me tão frequentemente quanto possível. Espero ter uma colega de quarto decente; essa é a única coisa que eu peço e é a única coisa que os meus planos não podem controlar.

— Ther-e-saaaa!

— Mãe, vou descer agora. *Por favor*, para de gritar o meu nome! — berro, ao descer as escadas. Noah está sentado na mesa, em frente à minha mãe, a olhar para baixo, para o relógio de pulso. O azul do polo combina com o azul-claro dos seus olhos. E o seu cabelo louro está perfeitamente penteado, com um toque de gel.

— Olá universitária. — Ele faz-me um amplo e radioso sorriso e levanta-se. Abraça-me com força, e eu fecho a boca ao sentir o excesso de colónia. Sim, às vezes ele exagera um pouco.

— Olá — faço-lhe um sorriso igualmente radioso, tentando disfarçar os nervos, e apanho os meus cabelos louros num rabo de cavalo revoltado.

— Querida, podemos esperar alguns minutos, enquanto arranjas o cabelo — diz a minha mãe calmamente.

Vejo-me ao espelho e assinto; ela tem razão. Hoje o meu cabelo tem de estar apresentável e claro que ela não hesita em fazer um reparo. De qualquer modo, eu devia tê-lo enrolado do modo que ela gosta, como um presente de despedida.

— Vou arrumar as malas no carro — oferece Noah, estendendo a mão aberta à minha mãe, para ela lhe entregar as chaves. Dá-me um beijo rápido na cara e sai do quarto, com as malas na mão e a minha mãe a segui-lo.

Esta segunda tentativa de pentear o meu cabelo resulta melhor e, em seguida, passo uma última vez o rolo de pano pelo meu vestido cinzento.

Saio e vou para o carro, já carregada com as minhas coisas; sinto borboletas no estômago, mas alivia-me saber que tenho uma viagem de duas horas para as fazer desaparecer.

Não faço a mínima ideia de como será a universidade, e, repentinamente, uma pergunta domina os meus pensamentos: *Será que vou fazer amigos?*

Quem me dera poder dizer que o cenário familiar do centro de Washington me acalma durante o trajeto, ou que um sentimento de aventura toma conta de mim a cada tabuleta que indica que estamos cada vez mais perto de Washington Central. Mas, na verdade, estou principalmente num turbilhão, a planear obcecadamente. Não tenho sequer a certeza sobre o que Noah está realmente a falar, mas sei que ele está a tentar tranquilizar-me e entusiasmar-me.

— *Chegámos!* — guincha a minha mãe quando o nosso carro passa por um portão de pedra e entra no *campus*. Parece tão imponente, ao vivo, tal como nas brochuras e *online*, e fico imediatamente impressionada com os elegantes edifícios de pedra. Uma multidão, pais a despedirem-se dos filhos, abraçando-os e beijando-os, grupos de caloiros trajados da cabeça aos pés com o vestuário da WCU, além de uns poucos, perdidos e confusos, a deambularem, enche a área. O tamanho do *campus* é intimidante, mas tenho esperança de ao fim de algumas semanas me sentir em casa.

A minha mãe insiste, juntamente com Noah, em acompanhar-me durante a orientação de caloiros. Ela consegue manter um sorriso na cara durante as três horas e Noah ouve atentamente, da mesma forma que eu.

— Quero ver o teu quarto da residência antes de ir embora. Quero ter a certeza de que está tudo em condições — diz a minha mãe, depois de tudo ter terminado. Os seus olhos examinam o edifício antigo, cheios de reprovação. Ela tem um jeito especial para encontrar o pior das coisas. Noah sorri, aliviando o mau ambiente e a minha mãe anima-se.

— Não consigo acreditar que entraste para a faculdade! A minha única filha, uma estudante universitária, a viver sozinha. Não consigo acreditar — choraminga ela, enxugando cuidadosamente os olhos de modo a não estragar a maquilhagem. Noah segue-nos, carregando as minhas malas, enquanto seguimos pelo corredor.

— É B22... Estamos no *ball C* — digo-lhes. Felizmente, vejo um grande B pintado na parede. — Por aqui — esclareço, quando a minha mãe começa a tomar o sentido oposto. Estou agradecida por ter trazido apenas algumas roupas, um cobertor e alguns dos meus livros preferidos, assim Noah não tem muito para carregar e eu não vou ter muito para tirar das malas.

— B22 — vocifera a minha mãe. Os seus saltos são escandalosamente altos para suportarem toda aquela caminhada. No final de um longo corredor, deslizo a chave na porta antiga de madeira e, quando estala ao abrir, a minha mãe dá um gemido alto. O quarto é pequeno, com duas pequenas camas e duas secretárias. Após um momento, os meus olhos descortinam a razão da exclamação de surpresa da minha mãe: uma das paredes do quarto está repleta de *posters* de bandas de que eu nunca tinha ouvido falar, as caras dos músicos cobertas de *piercings* e os seus corpos tatuados. E a seguir, vejo uma rapariga estendida numa cama, com um cabelo vermelho-flamejante, os olhos delineados com aquilo que parece serem quilos de lápis para os olhos preto e os braços cobertos de tatuagens coloridas.

— Olá — diz ela, com um sorriso bastante intrigante, demasiado intrigante, para minha surpresa. — Sou a Steph. — Ela apoia-se nos cotovelos, o decote do seu *top abre-se* e eu dou um cuidadoso pontapé no sapato do Noah, quando os olhos dele se focam no peito dela.

— Olá. Sou a Tessa. — Esforço-me por que as minhas boas maneiras não voem porta fora.

— Olá Tessa. Tudo bem? Bem-vinda à WCU, onde as residências dos estudantes são minúsculas e as festas são enormes. — A rapariga de cabelo-flamejante faz um sorriso ainda mais largo. Atira a cabeça para trás num acesso de gargalhadas, quando percebe as três horrorizadas expressões à sua frente. O queixo da minha mãe caiu praticamente sobre o tapete e Noah mexe-se desconfortavelmente. Steph aproxima-se, vencendo o espaço que existe entre nós, e envolve com os braços finos todo o meu corpo. Fico gelada por uns instantes, surpreendida com o seu carinho, mas retribuo o seu gesto afetuoso. Ouve-se bater à porta, o Noah larga as minhas malas no chão, e eu nem sei o que pensar, mas espero que seja tudo uma espécie de brincadeira.

— Entra! — grita a minha nova companheira de quarto. A porta abre-se e entram dois rapazes, antes mesmo de ela ter acabado de falar.

Rapazes nas residências femininas no primeiro dia? Talvez Washington Central tenha sido uma má decisão. Ou talvez eu pudesse ter encontrado uma maneira de escolher previamente a minha companheira de quarto?



Presumo pela expressão de dor que cobre a cara da minha mãe que os seus pensamentos seguiram o mesmo curso. A pobre mulher parece prestes a desmaiar a qualquer instante.

— Olá, tu é que és a companheira de quarto da Steph? — pergunta um dos rapazes. O seu cabelo louro é espetado e com tonalidades castanhas. Os braços estão cobertos de tatuagens e os *piercings* das orelhas são do tamanho de uma moeda.

— Hum... Sim. Sou a Tessa — consigo dizer.

— Eu sou o Nate, não estejas tão nervosa — diz ele com um sorriso, chegando a tocar-me no ombro. — Vais adorar isto. — A sua expressão é acolhedora e convidativa apesar da sua aparência dura.

— Estou pronta — diz a Steph, agarrando numa carteira pesada que está em cima da sua cama. O meu olhar desloca-se para o rapaz alto de cabelo castanho, encostado à parede. O cabelo dele é um tufo de caracóis largos penteados para trás e tem um *piercing* numa sobrancelha e outro no lábio. Deslizo o olhar para baixo, para a *T-shirt* preta e para os braços, que estão *também* cobertos de tatuagens; não se vê um centímetro de pele intacta. Ao contrário da Steph e do Nate, a pele dele é toda preta, cinzenta e branca. Ele é alto, magro, e sei que o estou a olhar de uma forma deslegante, mas não consigo desviar o olhar.

Espero que ele se apresente, tal como o seu amigo o fez, mas permanece calado e revira os olhos, contrariado, ao mesmo tempo que tira um telemóvel do bolso das calças de ganga justas e pretas. Definitivamente, ele não é tão simpático como a Steph ou o Nate. É mais atraente, embora haja algo nele que faz com que me seja difícil afastar o olhar da cara dele. Sinto vagamente os olhos de Noah em mim quando finalmente desvio o olhar e finjo estar perturbada com o choque.

Porque é mesmo isso, não é?

— Até logo, Tessa — diz o Nate e os três saem do quarto. Suspiro fundo. Definir os últimos minutos como desconfortáveis seria pouco.

— Vais arranjar outro quarto! — ruge a minha mãe, assim que se ouve o estalido da porta a fechar.

— Não, não posso — suspiro. — Não faz mal, mãe. — Esforço-me por esconder o nervosismo. Não sei como isto vai funcionar, também, mas a última coisa que quero é que a minha dominadora mãe faça uma cena no meu *primeiro dia* de faculdade. — De qualquer modo, tenho a certeza de que ela não vai andar muito por aqui. Eu tento convencê-la, tal como a mim.

— Nem pensar, vamos já mudar de quarto. — A sua aparência impecável contrasta com a raiva do seu rosto; o longo cabelo louro está lançado para um ombro, mas os caracóis do cabelo mantêm-se perfeitamente compostos. — Não vais partilhar um quarto com alguém que permite a entrada a homens como estes... o raio destes *punks*!

Fito os seus olhos cinzentos, e depois para Noah.

— Mãe, por favor, vamos ver como isto vai ser. Por favor — suplico. Não consigo imaginar a confusão que iria criar ao tentar obter à última hora um novo quarto. E como humilhante isso pode ser.

A minha mãe olha novamente em redor do quarto, detendo-se na decoração do lado da Steph, e suspira teatralmente perante o tema sombrio.

— Está bem — resmunga, para minha surpresa. — Mas vamos ter uma pequena conversa antes de eu partir.

Uma hora mais tarde, depois de ouvir a minha mãe avisar-me dos perigos das festas e dos rapazes universitários — e usando uma certa linguagem desconfortável para Noah e para mim — ela finalmente prepara-se para sair. No seu habitual estilo, um rápido abraço e um beijo, ela sai da residência, dizendo ao Noah que vai esperar por ele no carro.

— Vou sentir falta de te ter perto de mim — diz ele com suavidade e puxa-me para os seus braços. Inalei o perfume da sua colónia, que lhe ofereci nos dois últimos Natais, e suspiro. Parte do seu irresistível cheiro dissipou-se e eu tomo consciência de que vou sentir falta do cheiro, do conforto e da familiaridade que partem com ele, não importa quantas vezes eu reclamei por isso no passado.

— Eu também vou ter saudades, mas podemos falar todos os dias. — Prometo e aperto os meus braços em torno da sua cintura e aninho-me no seu pescoço. — Quem me dera que estivesses aqui este ano. — Noah é apenas alguns centímetros mais alto do que eu, mas eu gosto que ele não seja muito mais alto do que eu. A minha mãe costumava brincar com o meu crescimento, afirmando que um homem cresce um centímetro por cada mentira que diz. O meu pai era um homem alto, por isso não vou discutir esta sua lógica.

Noah roça os seus lábios nos meus... e nesse momento ouço buzinar no estacionamento.

Noah ri e afasta-se de mim.

— A tua mãe. Ela é persistente. — Dá-me um beijo na cara e sai apressadamente, gritando: — Ligo-te à noite! — E parte.

Uma vez sozinha, penso por uns momentos na sua saída precipitada e, em seguida, começo a desempacotar as minhas malas. Em pouco tempo, metade das minhas roupas estão metodicamente dobradas e arrumadas numa pequena cómoda; as restantes são organizadamente

penduradas no meu armário. Estremeço perante a quantidade de roupa de cabedal e de imitação de pele de animal que enche o outro armário. No entanto, não resisti à curiosidade e dei por mim a passar os dedos por um vestido feito de algum tipo de metal, e por outro que é tão fino que dificilmente existe.

Sentindo o início do cansaço do dia, deito-me em cima da cama. Uma estranha solidão começa a insinuar-se dentro de mim e não ajuda o facto de a minha colega ter ido embora, não importa o quão desconfortável os seus amigos me fazem sentir. Tenho a sensação de que ela estará muitas vezes ausente, ou, pior ainda, ela deve ter habitualmente demasiada companhia. Porque é que eu não consegui uma colega de quarto que gostasse de ler e estudar? Suponho que isto poderá ser bom, porque terei o pequeno quarto só para mim, mas eu não tenho um bom pressentimento sobre isto. Até agora a universidade não é nada daquilo com que eu sonhara, ou esperara.

Lembro a mim própria que ainda passaram poucas horas. Amanhã vai ser melhor. Tem de ser.

Agarro no meu programa e manuais escolares e ocupo o meu tempo a registar as minhas aulas do semestre e as eventuais reuniões do clube literário onde pretendo entrar; ainda estou indecisa em relação a isso, mas li alguns testemunhos dos alunos e quero certificar-me. Gostava de encontrar um grupo de pessoas com interesses semelhantes aos meus com quem possa falar. Não espero fazer muitos amigos, apenas os suficientes para que possa ter alguém com quem tomar uma refeição uma vez por outra. Estou a pensar amanhã sair do *campus* para arranjar mais algumas coisas para o meu quarto. Não quero atafulhar de coisas o meu lado do quarto, como a Steph fez, mas gostava de acrescentar algumas que tenham a ver comigo para fazer com que me sinta mais em casa neste espaço desconhecido. O facto de eu ainda não ter um carro torna tudo um pouco mais difícil. Quanto mais cedo arranjar um, melhor. Juntei dinheiro suficiente com os presentes de conclusão do ensino secundário e com o meu trabalho de verão numa livraria, mas não tenho a certeza de que, neste momento, queira passar pelo stresse de ter um carro. O facto de viver no *campus* dá-me acesso total aos transportes públicos e já pesquisei as carreiras dos autocarros. Com o pensamentos em horários, reparigas ruivas e homens hostis cobertos de tatuagens, adormeço com o meu programa ainda na mão.

Na manhã seguinte, a Steph não está na cama dela. Gostava de conhecê-la, mas pode ser difícil se ela nunca estiver presente. Talvez um dos dois rapazes com quem estava seja o namorado? Por ela, espero que seja o louro.

Agarro na minha bolsa de toilette e vou para a casa de banho. Posso já afirmar que uma das coisas menos agradáveis na vida das residências universitárias vai ser o momento do duche — quem me dera que todos os quartos tivessem uma casa de banho privativa. É desagradável, mas pelo menos não serão mistas.

Ou... eu assumi que não seriam — mas será que toda a gente assume isso? Porém, quando cheguei à porta, inevitavelmente, havia duas imagens na tabuleta, um homem e uma mulher. *Ugh*. Não posso acreditar que eles permitam que este tipo de coisas aconteça. Não posso acreditar que não tenha descoberto isto, quando estive a pesquisar a WCU.

Identifico uma cabina de duche livre, contorno rapidamente os rapazes e as raparigas *seminus*, fecho bem a cortina, dispo-me e em seguida penduro as minhas roupas no cabide exterior tateando às cegas com a mão que ponho fora da cortina. A água quente demora demasiado tempo a chegar e durante todo esse período estou com um medo paranoico de que alguém puxe a fina cortina que separa o meu corpo nu do resto dos rapazes e das raparigas que se encontram do outro lado. Todos me parecem à vontade com os corpos *seminus* de ambos os sexos que por ali andam; a vida na universidade é estranha até agora, e é apenas o segundo dia.

A cabina do duche é minúscula, com um pequeno varão para pendurar as minhas roupas enquanto tomo duche, e dificilmente tenho espaço para estender os braços à minha frente. Dou por mim a pensar em Noah e na minha vida em casa. Distraída, viro-me e o meu cotovelo bate no varão deitando as minhas roupas para o chão molhado. A água do chuveiro *derama* sobre elas, encharcando-as.

— Devem estar a gozar comigo! — lamento-me, fechando rapidamente a água e enrolando a toalha à minha volta. Agarro no monte pesado e encharcado de roupas e regresso rapidamente pelo corredor, esperando desesperadamente que ninguém me veja. Chego ao meu quarto e enfio a chave, relaxando imediatamente quando fecho a porta atrás de mim.

Até me virar e ver o rude e tatuado rapaz de cabelo castanho esparramado na cama da Steph.

— Hum... Onde está a Steph? — Tento dar um tom autoritário, mas a minha voz sai mais como um guincho. As minhas mãos seguram o tecido macio da toalha e o meu olhar lança-se rapidamente para baixo, para me certificar de que o meu corpo nu está realmente coberto.

O rapaz olha para mim, os cantos da boca erguem-se levemente, mas não diz uma palavra.

— Não ouviste? Perguntei-te onde está a Steph — repito, tentando agora ser um pouco mais educada.

A expressão do seu rosto amplia-se e finalmente murmura num resmungo:

— Não sei. — E liga a pequena televisão que está em cima da cómoda da Steph. *O que é que ele está aqui a fazer? Não tem o quarto dele?* Mordi a língua, tentando guardar os meus comentários desagradáveis para mim própria.

— Está bem. Bem, podias talvez... sair para eu me vestir? — Ele nem tinha reparado que eu estava enrolada numa toalha. Ou talvez tenha, mas isso não o impressionou.

— Não sejas convencida, claro que eu não vou ficar a olhar para ti — troça ele e vira-se para o outro lado, com as mãos a tapar a cara. Tem um forte sotaque em que eu ainda não tinha reparado. Provavelmente porque fora demasiado mal-educado e realmente não tinha falado comigo ontem.

Sem saber como lhe responder a tal comentário desagradável, suspiro e dirijo-me à minha cómoda. Talvez ele não seja hetero, talvez seja isso que ele queria dizer quando afirmou «claro que não vou ficar a olhar para ti». É melhor isso do que me achar pouco atraente. Vesti apressadamente um sutiã e umas cuecas, seguidos por uma *T-shirt* branca e uns calções aqui.

— Já está? — pergunta ele. É a gota de água que faz transbordar o copo.

— Podes parar de ser tão desagradável? Eu não te fiz nada. *Qual é o teu problema?!* — gritei, muito mais alto do que desejava, mas pela sua expressão surpreendida, as minhas palavras tiveram nele o efeito pretendido.

Ele fita-me em silêncio durante uns momentos. E enquanto aguardo um pedido de desculpas... desata a rir. As suas gargalhadas são intensas e poderiam soar agradavelmente, se ele não se tivesse mostrado tão desagradável. Umhas covinhas nas bochechas, enquanto ele continua a rir, e eu sinto-me uma completa idiota, sem saber o que fazer ou dizer. Geralmente, não gosto de conflitos e este rapaz parece ser a última pessoa com quem eu deveria começar a discutir

A porta abre-se e Steph entra.

— Desculpem, atrasei-me. Estou com o raio de uma ressaca — diz ela em jeito teatral e os olhos passam de um para o outro de nós dois. — Desculpa, Tess, esqueci-me de te avisar que o Hardin ia aparecer. — Encolhe os ombros com indiferença, pedindo desculpa.

Gostaria de pensar que eu e Steph conseguiríamos fazer com que o nosso acordo de vida funcionasse, talvez até mesmo criar uma certa amizade, mas com a sua escolha de amigos e noitadas, já não tenho a certeza.

— O teu namorado é malcriado. — As palavras saem antes de eu as poder conter.

Steph olha para ele. E então desatam os *dois* a rir. *O que é que se passa com as pessoas a rirem-se de mim?* Está a tornar-se realmente irritante.

— O Hardin Scott não é meu namorado! — Lança, quase cuspidando. Mais calma, vira-se e pergunta carrancudamente a este *Hardin*. — O que é que lhe disseste? — Em seguida, voltando a olhar para mim: — O Hardin tem um... um modo particular de conversar.

Que bom, então basicamente o que ela está a dizer é que o Hardin é, simplesmente, no fundo, uma pessoa antipática. O rapaz inglês encolhe os ombros e muda o canal com o controlo remoto na mão.

— Há uma festa hoje, devias vir connosco, Tessa — diz ela.

Agora é a minha vez de rir.

— Não sou muito dada a festas. Além disso, tenho de ir arranjar algumas coisas para a minha secretária e para as paredes. — Observo o Hardin, que, evidentemente, age como se nenhuma de nós estivesse no quarto com ele.

— Anda lá... É só uma festa! Já estás na faculdade, uma festa não te vai fazer mal — insiste ela. — Espera, como é que vais à loja? Eu pensei que não tinhas carro?

— Estava a pensar apanhar o autocarro. E, além disso, não posso ir à festa... não conheço ninguém — respondo, e o Hardin ri de novo... um subtil aviso de que ele apenas me vai dar atenção para trocar de mim. — Ia ler e falar com o Noah no *Skype*.

— Nem penses em apanhar um autocarro ao sábado! Estão sempre cheios. O Hardin pode deixar-te lá a caminho da casa dele... não é, Hardin? E tu conheces-me *a mim* na festa. Anda lá... *okay*? — junta as mãos, num dramático apelo.

Só a conheço há um dia; será que devo confiar nela? A advertência da minha mãe em relação às festas vem-me à ideia. A Steph parece-me uma pessoa muito simpática, do pouco que a conheço. Mas uma festa?

— Não sei... E, não, eu não quero que o Hardin me leve à loja — digo.

O Hardin rebola na cama da Steph com uma expressão divertida.

— Oh, não! Eu estava cheio de vontade de ir dar uma volta contigo — responde ele com ironia, num tom tão sarcástico que só tenho vontade de lhe atirar com um livro à cabeça encaracolada. — Anda, Steph, já percebeste que ela não vai aparecer na festa — diz ele a rir, com um sotaque muito acentuado. O meu lado curioso, que reconheço que é enorme, está desesperado por lhe perguntar de onde é que ele é. O meu lado competitivo quer mostrar a esta cara presunçosa como ele está enganado.

— Na verdade, está bem, eu vou — afirmo eu com o sorriso mais doce que consigo fazer. — Dá ideia de poder vir a ser divertido.

O Hardin abana a cabeça, em descrença, e Steph dá um gritinho e lança-se sobre mim dando-me um forte abraço.

— Boa! Vamo-nos divertir imenso! — guincha ela. E grande parte de mim reza para que isso seja verdade.



Fico agradada quando o Hardin finalmente se vai embora e Steph e eu podemos falar sobre a festa. Preciso de mais pormenores para me tranquilizar e tê-lo à minha volta não ajuda em nada.

— Onde é que é a festa? Pode-se ir a pé? — pergunto-lhe, tentando mostrar-me calma, enquanto arrumo os meus livros na estante.

— Tecnicamente, é uma festa de confraternização, numa das maiores residências de estudantes daqui. — A sua boca está muito aberta, enquanto põe mais camadas de rímel nas pestanas. — Fica fora do *campus*, por isso não podemos ir a pé, mas o Nate vem buscar-nos.

Fico contente por não ser o Hardin, mesmo sabendo que ele vai lá estar. Por qualquer razão, apanhar uma boleia dele parece-me insuportável. Porque é que ele é tão desagradável? Até devia ficar agradecido porque não o critico pelo modo como destruiu o corpo com furos e tatuagens. *OK*, talvez o critique um pouco, mas não frontalmente. Pelo menos eu sou gentil em relação às nossas diferenças. Em minha casa, as tatuagens e os *piercings* não são a normalidade. Tive sempre de ter o meu cabelo penteado, as minhas sobrancelhas arranjadas e as minhas roupas limpas e passadas a ferro. É assim que tem de ser.

— Ouviste o que eu disse? — pergunta a Steph, interrompendo os meus pensamentos.

— Desculpa... o quê? — Não tinha percebido que os meus pensamentos se tinham desviado para o rapaz malcriado.

— Disse para nos arranjarmos; podes-me ajudar a escolher a roupa — diz. As roupas que ela seleciona são tão inapropriadas que eu olho à volta na esperança de encontrar uma câmara escondida e que de repente surja alguém a dizer que é tudo uma brincadeira. Estremeço quando olho para cada uma das peças e ela ri, obviamente, achando divertida a minha aversão.

O vestido — na verdade, a obra-prima — que ela escolhe é de rede preta que deixa à mostra o sutiã vermelho. A única coisa que a impede de mostrar o resto do corpo é uma cueca de um preto opaco. O vestido dificilmente lhe chega ao cimo das coxas e ela insiste em puxar para cima o material para mostrar mais as pernas e, em seguida, para baixo para aumentar os espaços da rede. Os saltos dos sapatos têm pelo menos uns dez centímetros de altura. O cabelo vermelho-flamejante está apanhado num carrapito revolto com caracóis caídos pelos ombros e os olhos deli- neados com um lápis azul e preto, de certa forma com mais lápis do que antes.

— Doeu fazer essas tatuagens? — pergunto-lhe, enquanto tiro o meu vestido castanho favorito.

— A primeira até doeu, mas não tanto como eu pensava. É quase como uma abelha a picar-te vezes sem conta — diz, encolhendo os ombros.

— Deve ser horrível — respondo e ela ri. Ocorre-me que provavelmente ela me acha tão estranha como eu a ela. O facto de termos tão pouco que ver uma com a outra não é muito reconfortante.

Ela espanta-se com o meu vestido.

— Não vais mesmo vestir isso, pois não?

A minha mão desliza pelo tecido. Este é o meu vestido mais bonito, o meu preferido e não tenho assim tantos como isso.

— O que é que o meu vestido tem de mal? — pergunto, tentando disfarçar o quanto me sinto ofendida. O tecido castanho é macio mas consistente, o mesmo material de que são feitos os fatos de negócios. A gola fica rente ao pescoço e as mangas, de três quartos de comprimento, vão até abaixo dos cotovelos.

— Nada... é que é tão... comprido? — diz ela.

— Fica pouco abaixo do joelho. — Não sei se ela percebe ou não que me sinto ofendida, mas por qualquer razão não quero que ela saiba isto sobre mim.

— É bonito. Acho só que é um bocado formal de mais para uma festa. Queres que te empreste um dos meus? — pergunta com toda a sinceridade. Encolho-me com a ideia de me comprimir num dos seus minúsculos vestidos.

— Obrigada, Steph. Mas prefiro levar este vestido. — Digo e ligo à corrente o meu aparelho de ondular o cabelo.

Mais tarde, quando o meu cabelo está perfeitamente ondulado e a cair-me pelas costas, ponho dois ganchos, um de cada lado, para afastar as madeixas da cara.

— Queres usar alguma coisa da minha maquilhagem? — pergunta a Steph e eu olho de novo para o espelho.

Os meus olhos sempre me pareceram pequenos para a minha cara, mas eu prefiro usar o mínimo de maquilhagem e geralmente apenas ponho rímel e protetor para os lábios.

— Talvez um pouco de lápis para os olhos? — pergunto, embora um pouco incerta.

Com um sorriso, ela estende-me três lápis, um roxo, um preto e um castanho. Rolo-os nos meus dedos, decidindo entre o preto e o castanho.

— O roxo combina com os teus olhos — diz ela e ri, mas eu abano a cabeça. — Tens uns olhos invulgares; queres trocar? — brinca ela.

Mas a Steph tem uns olhos verdes lindos — porque é que ela brinca acerca de trocar comigo? Escolho o lápis preto e traço um risco o mais fino possível em redor dos olhos, recebendo um sorriso orgulhoso da Steph.

O seu telemóvel vibra e ela pega na carteira.

— O Nate já chegou — anuncia. Eu agarro na minha carteira, aliso o vestido e calço as minhas alpergatas sem salto, que ela nota mas não comenta.

O Nate está à nossa espera em frente ao edifício, com música *heavy metal* em alto volume a sair pelas janelas abertas do carro. Não posso deixar de olhar em redor e perceber que toda a gente está a observar. Mantenho a cabeça baixa e, quando a levanto, vejo o Hardin sentado no lugar da frente. Ele devia ter estado agachado. *Ugh.*

— Minhas senhoras — saúda-nos o Nate.

O Hardin olha para mim quando entro no carro, atrás da Steph, e acabo por ficar sentada exatamente atrás dele.

— Sabes que vamos a uma festa e não à igreja, não sabes, Theresa? — comenta e dou uma olhadela pelo espelho lateral e descubro-lhe um sorrisinho cínico na cara.

— Por favor, não me chames Theresa, eu prefiro Tessa — aviso-o. Como é que ele descobriu o meu nome? Theresa recorda-me o meu pai e eu prefiro não ouvir esse nome.

— Com certeza, Theresa.

Recosto-me no banco e olho para cima, aborrecida. Decido não responder à provocação nem discutir com ele. Não tenho tempo para isso.

Olho lá para fora pela janela, tentando alhear-me da música alta enquanto seguimos. Por fim, o Nate estaciona num dos lados de uma rua movimentada, das casas grandes e quase iguais alinhadas. O nome da república está pintado a letras pretas, mas não consigo decifrá-lo devido à densidade de trepadeiras que sobem pela imponente casa à nossa frente. Uma confusão de tiras de papel higiénico cobrem a casa branca e o barulho que vem de dentro contribui para o tema estereotipado das repúblicas.

— É tão grande; quantos vêm à festa? — pergunto, engolindo em seco. O jardim está cheio de gente, segurando copos vermelhos, alguns dançam, ali mesmo no jardim. Sinto-me completamente deslocada.

— Uma casa cheia, despacha-te — responde o Hardin e sai do carro, batendo com a porta atrás dele. Do banco de trás, observo as imensas pessoas que cumprimentam o Nate, com uma palmada ou um aperto de mãos, ignorando o Hardin. Fico surpreendida por não ver mais ninguém coberto de tatuagens como ele, Nate e Steph estão. No fim de contas, hoje à noite talvez possa fazer alguns amigos aqui.

— Vens? — A Steph sorri e abre a porta e salta para fora.

Assinto com a cabeça, principalmente para mim, e saio do carro, tendo o cuidado de alisar de novo o meu vestido.

O Hardin já desapareceu pela casa dentro, o que é bom porque assim talvez não tenha de o ver durante o resto da noite. Tendo em conta a quantidade de gente que ali está, é provável que não. Sigo a Steph e o Nate para a sala apinhada e dão-me um copo vermelho. Viro-me para recusar com um bem-educado «não, obrigada», mas é demasiado tarde e não faço a mínima ideia de quem mo deu. Pouse o copo no balcão e vou atrás deles pela casa. Estacamos quando encontramos várias pessoas apinhadas num sofá e que presumi serem amigos da Steph, tendo em conta a sua aparência. Todos estão tatuados como ela e sentados no sofá. Infelizmente, o Hardin encontra-se sentado no braço direito do sofá, mas eu evito olhar para ele quando a Steph me apresenta ao grupo.

— Esta é a Tessa, a minha companheira de quarto. Ela só chegou ontem e eu quero proporcionar-lhe uns bons momentos no seu primeiro fim de semana na WCU — explica ela.

Um a um cumprimentam-me com um aceno da cabeça ou um sorriso. Todos me parecem simpáticos, exceto o Hardin, claro. Um rapaz muito atraente com pele cor de azeitona, estende e aperta-me a mão. A sua mão estava um pouco fria, pela bebida que segurava, mas o seu sorriso era caloroso. A luz reflete na cavidade bucal e penso vislumbrar uma peça de metal na sua língua, mas ele fecha a boca demasiadamente depressa para eu ter a certeza.

— Sou o Zed. Qual é a tua área de licenciatura? — pergunta-me. Noto que os seus olhos descem para a parte mais volumosa do meu vestido e ele sorri ligeiramente mas não diz nada.

— Estou em Estudos Ingleses — respondo sorrindo com orgulho. O Hardin funga mas eu ignoro-o.

— Fixe! — diz. — Estou no meio de flores. — O Zed ri e eu volto-me para ele.

*Flores? O que é que isto quer dizer?*

— Queres uma bebida? — pergunta ele antes de eu poder interrogá-lo sobre as flores.

— Oh, não! Eu não bebo — respondo-lhe e ele tenta disfarçar um sorriso.

— Deixa isso para a Steph que trouxe a Menina da Mamã à festa — declara entre dentes uma minúscula rapariga com cabelo cor-de-rosa.

Finjo que não a ouço para evitar qualquer tipo de confronto. Menina da Mamã? Não sou nada uma «Menina da Mamã», mas trabalhei e esforcei-me duramente para chegar onde estou e, desde que o meu pai nos deixou, a minha mãe trabalhou a vida inteira para se assegurar de que eu teria um bom futuro.

— Vou apanhar um pouco de ar — aviso e viro-me para me afastar. Tenho de evitar a todo o custo um drama na festa. Não preciso de fazer inimigos quando ainda não arranjei amigos.

— Queres que vá contigo? — pergunta-me a Steph.

Abano a cabeça e dirijo-me à porta. Eu sabia que não devia ter vindo. Neste momento, devia estar de pijama, a ler um romance na cama. Podia estar no *Skype* a falar com o Noah de quem tenho tantas saudades. Mesmo dormir seria bem melhor do que estar sentada cá fora nesta festa medonha com um monte de bêbedos desconhecidos. Decido mandar uma mensagem ao Noah. Vou para o fundo do jardim, já que parece ser o sítio menos apinhado de gente.

«Tenho saudades tuas. A faculdade está longe de ser divertida.» Primo a tecla enviar e permaneço sentada no muro de pedra, à espera da resposta. Aparece um grupo de raparigas bêbedas aos risinhos e a tropeçarem nos próprios pés.

Ele responde depressa: «Porque é que não és? Também tenho saudades tuas, Tessa. Quem me dera estar aí contigo» e eu sorrio com as suas palavras.

— Merda, desculpa — diz uma voz masculina e, um segundo depois, sinto um líquido frio a encharcar a parte da frente do meu vestido. O rapaz tropeça e ergue-se apoiando-se ao muro baixo. — Que chatice, desculpa — resmunga e senta-se.

Esta festa não podia tornar-se pior. Primeiro, uma rapariga chama-me «menina da mamã» e agora o meu vestido está encharcado com uma, sabe-se lá qual, bebida alcoólica. Suspirando, agarro no meu telemóvel e entro na casa à procura de uma casa de banho. Furo pelo meio do *ball*

apinhado de gente e tento abrir todas as portas que encontro pelo caminho, mas nenhuma abre. Tento não pensar no que é que estarão a fazer nos quartos.

Avanço escadas acima e continuo a minha busca por uma casa de banho. Por fim, uma das portas abre-se. Infelizmente, não é uma casa de banho. É um quarto e, ainda para maior infelicidade minha, é aquele onde Hardin está deitado numa cama com a rapariga de cabelo cor-de-rosa enrolada no seu colo, com a sua boca a cobrir a dele.